

TRABALHO: MEIO DE VIDA, MEIO DE MORTE

Sandra Maria Rickmann Lobato

1. O SIGNIFICADO DO TRABALHO

O trabalho descortina-se como espaço híbrido de interlocução teórica, espaço onde se interpenetram concepções de origens diversas. Uma das formas de conceber o trabalho traz em seu bojo uma relação do homem com a natureza, onde este a ela pertence e dela usufrui, sendo capaz de modificá-la e recriá-la através do mesmo. Desta relação de transformação da natureza pelo homem a partir do trabalho, inaugura-se a cultura, a linguagem, a história e o próprio homem re-inventado por si mesmo.

As primeiras formas embrionárias de trabalho e sociedade, inclusive com a fabricação dos primeiros instrumentos, se forjaram na época do homem de Neanderthal. Começaram a acontecer, modificações na constituição anatômica do homem concomitantes ao desenvolvimento do trabalho, mais especificamente no cérebro, nos órgãos dos sentidos, nas mãos e nos órgãos da linguagem. A biologia pôs-se então, a “inscrever” na estrutura anatômica do homem a “história” nascente da sociedade humana. O homem neste momento de sua evolução enquanto espécie, já possuía todas as propriedades biológicas necessárias ao seu desenvolvimento sócio-histórico ilimitado.

A natureza do psiquismo humano, então, é sócio-histórica, sendo a atividade a base de uma psicologia concreta, o objeto a ser estudado é como a estrutura da consciência se transforma com as transformações na estrutura de sua atividade, sendo a psicologia a ciência do conteúdo da existência, corroborando a concepção marxista de que a essência humana é o conjunto das relações sociais, a partir das quais os homens produzem seus meios de subsistência e a si próprios, sendo possível afirmar que não é a consciência que determina a existência e sim o inverso.

Em uma relação indissociável, homem e natureza têm se modificado mutuamente. Através do trabalho enquanto atividade criadora e produtiva, os homens têm ao longo de sua história produzido objetos, relações de produção, estratégias de sobrevivência, enfim, tem produzido cultura através do reconhecimento do meio

circundante e de si mesmos. Nesta concepção, ao trabalho é atribuído enorme significado, conferindo identidade e sentido ao homem.

Identidade entendida enquanto síntese lógica e ontológica, sendo as relações sociais espaço constitutivo da mesma. Sentido que vai sendo conferido ao indivíduo através do processo de socialização, em uma mediação simbólica que se forja, quiçá, ainda na vida intra-uterina. Arendt (1981), remete a importância do *homo faber* na contemporaneidade, onde o sujeito se nomeia para o outro usando como referência sua identidade laboral e os atributos que o qualificam como tal. O trabalho como objeto definidor da identidade, constituinte e instituinte da forma de se localizar e se validar no mundo.

Impossível então, compreender o homem a revelia da categoria analítica trabalho, em seus múltiplos significados, sendo este estruturante do ponto de vista da formação da identidade e da subjetividade. Conforme Araújo (1999), embora a vida dos homens não se reduza ao trabalho, não pode ser entendida na ausência deste. Adquirindo múltiplos significados ao longo do tempo, o trabalho é então campo intrinsecamente interdisciplinar.

No processo de trabalho colocam-se processos relacionais do homem com a natureza, dos homens entre si e do homem consigo mesmo, sendo através do trabalho que ocorre uma das inserções mais significativas do homem na realidade concreta, oportunizando sua reprodução social, mas, também o processo de adoecer e morrer. O trabalho enquanto meio de vida e meio de morte. A inserção no mundo do trabalho valida o indivíduo socialmente, garantindo ao mesmo identidade social, o sentimento de pertencer a um grupo, de onde são apreendidos valores e modos de ser e de existir, convalidações do indivíduo para si e para o outro.

De acordo com Silva Filho (1993), citado por Araújo (1999), o trabalho se caracteriza como mediador entre a ordem social e a individual, não valendo apenas pelo que representa enquanto sobrevivência, mas também pelas especificidades que distinguem e identificam os indivíduos entre si, podendo significar saúde e doença, ou ambas as condições, de acordo com a forma como se forja na vida do sujeito. Historicamente constituído, sempre ancorado em um contexto específico que atribui os códigos que o

desvelam. Na contemporaneidade, as senhas de acesso são permeadas por palavras e expressões como globalização e novos aportes tecnológicos.

Para compreender, portanto, o trabalho, é mister analisá-lo em seu caráter contextual e processual, reconhecendo as formas estruturantes de identidade e satisfação e as formas patógenas, produtoras de sofrimento e doença. Através da análise do processo de trabalho se faz possível detectar os riscos inerentes à tarefa e a percepção que o trabalhador tem destes riscos ao realizá-la. Conforme Merlo (1998), *“a análise da maneira como se desenvolveu o processo de trabalho é a chave para se compreender a subordinação da saúde às condições de trabalho”*.

2. TRABALHO E SAÚDE: RELAÇÕES QUE SE ENTRELÇAM

Embora a relação entre trabalho e saúde seja reconhecida desde a antiguidade, ao longo da história esta foi se alterando através de formas diferenciadas de apreensão da realidade, bem como, de formas de lidar com situações desta natureza, sendo, porém, o motivo maior de investigação, os agravos já desencadeados. O princípio norteador do campo tradicional da saúde ocupacional tem sido o de entender o trabalho como um problema ambiental, a partir de situações que expõem o trabalhador a múltiplos agentes de risco, passíveis de desencadear enfermidades e acidentes.

No que tange as ações de saúde do trabalhador, a integração com as ações de saúde e proteção ambiental encontram-se intrinsecamente vinculadas, uma vez que os riscos oportunistas nos processos produtivos em escala significativa também afetam ao ambiente e a população em geral. Os riscos ocupacionais e os acidentes de trabalho, capítulo especial no estudo do trabalho, são classificados de acordo com o agente desencadeante do agravo, sendo estes de ordem física, mecânica, química, biológica, ergonômica e psicossociais. Importância significativa tem sido evidenciada no que se refere aos produtos químicos que oportunizam dupla incidência, de intoxicação ao homem e de contaminação do ambiente.

A Medicina Social, inaugurou a denominação, “Saúde do Trabalhador”, incorporando tanto a inserção social como a dinâmica do processo de trabalho, trazendo uma dimensão diferenciada para a compreensão dos riscos ocupacionais que passam a ser entendidos interdisciplinarmente em seu caráter processual e histórico, evidenciando a

relação indissociável entre a saúde e o processo de trabalho. Cargas diferenciadas de trabalho, desigualdades de inserção no processo produtivo aumentam as possibilidades de agravo, indo além das que já são compartilhadas com a população em geral, a partir de grupos sociais sujeitos as mesmas condições de vida. O processo saúde / doença então, é revisitado e passa a ser compreendido como um processo dinâmico imbricado com os modos de desenvolvimento produtivo de homens e mulheres.

Para Machado e Gómez (1999), a especificação dos acidentes de trabalho a partir da delimitação e classificação dos mesmos deve levar em conta as peculiaridades da tarefa, a contextualização espaço-temporal, as características pessoais do trabalhador e as condições de exposição a situações de risco. Ressaltam ainda, que a análise espacial demarca o cotidiano evidenciando situações, deslocamentos, riscos e ao lado do detalhamento da tarefa, qualificam a análise. As características pessoais personificam o risco e o tempo.

Relacionando-o ainda enquanto expressão individual e coletiva, na dimensão do indivíduo se juntam co-fatores como idade, sexo, estilo de vida, condições emocionais, que diferenciam os sintomas, em uma ação de sinergia entre diversas substâncias as quais estão expostos e a existência de cada qual.

Avaliar a saúde do trabalhador remete ainda ao gênero ao qual se encontra vinculada a tarefa, visto que, a diferenciação biológica entre homens e mulheres tem disponibilizado argumentos para ações excludentes em um discurso de proteção às especificidades da condição feminina. Às mulheres são oportunizadas as tarefas monótonas, parceladas, desqualificadas e justificadas a partir destes atributos como menos importantes, logo, menos remuneradas. D'Acri e Brito, (1991: 203), enfatizam que *“a essência da divisão de trabalho é a desigualdade [...] onde umas são mais valorizadas que as outras, entre o mundo da produção e da reprodução”*.

Na sua presença, de possíveis sofrimentos ou na sua ausência, permeada por angústia e desamparo, o trabalho se constitui argamassa constituinte de subjetividade e lugar social de onde o indivíduo enuncia seu discurso, faz investimentos afetivos de várias ordens, é eleito e elege interlocutores, valoriza e/ou desvaloriza a si e ao(s) outro(s), garante

e/ou coloca em risco, sua subsistência e sustentação social e psíquica, enfim se entendia, se alegre, se indigna, é feliz e/ou enlouquece.

Um dos aportes teóricos existentes no campo da saúde mental relacionada ao trabalho, remete a compreensão da psicodinâmica do trabalho, que tem como eixo os conflitos que surgem entre o indivíduo portador de uma biografia singular e o contexto de trabalho, cujas regras são delimitadas a revelia do primeiro. Este universo teórico tem em Christophe Dejours, sua figura de maior expressão, e na descoberta empírica das estratégias defensivas coletivas, sua contribuição mais significativa:

“O conflito entre organização do trabalho e funcionamento psíquico pôde ser reconhecido como fonte de sofrimento, ao mesmo tempo como chave de sua possibilidade de análise. Mas o sofrimento suscita estratégias defensivas. A descoberta empírica mais surpreendente foi a das estratégias construídas, organizadas e gerenciadas coletivamente. (DEJOURS, 1980: 23)

Estas defesas transformam a percepção do trabalhador no que tange a realidade que o faz sofrer. Como se diante de uma realidade ao qual este se vê como refém, ele conseguisse a partir dessas defesas minimizar o sofrimento inerente à mesma. Como se de indivíduos vitimizados estes passassem a ser gestores de um desafio, sendo esta alteração, porém, uma operação estritamente mental não modificando o contexto do trabalho.

Porém coloca-se aparentemente um paradoxo, pois sofrimento e prazer são vivências da ordem da subjetividade, instâncias vivenciadas de forma ímpar por cada sujeito a partir de uma lógica que se insere na sua biografia. São experiências corporificadas e constitutivas de uma história individual, logo colocá-las em um lugar de partilha, de coletividade parece em um primeiro momento um contra senso. Os achados, porém da psicodinâmica do trabalho remetem a uma possibilidade de *“que vários sujeitos experimentando cada um por si um sofrimento único seriam contudo capazes de unir seus esforços para construir uma estratégia defensiva comum”* (DEJOURS et al.,1994:128).

As estratégias defensivas funcionariam como regras compartilhadas coletivamente, só tendo força enquanto seguidas por todos, ao contrário do sentido de mecanismo de defesa, que ao estar interiorizado, independe de qualquer controle externo ou da presença do outro. As estratégias defensivas se corporificam em regras defensivas que

são construídas e utilizadas por um grupo que tem em comum uma expressão de sofrimento a partir de um espaço e de atividades laborais específicos.

Quando o inominável relaciona-se com a vida laboral as dificuldades de reconhecimento por parte do próprio indivíduo somam-se as de estabelecimento do nexo causal. Assim tem sido na prática dos agricultores quando os agrotóxicos passam a ser incorporados a sua prática, face a multiplicidade de efeitos destes sobre a vida humana.

Os agrotóxicos de um modo geral, tem sua ação voltada para o bloqueio de processos metabólicos nos organismos a que se propõe a combater. Alguns deles, pelo seu nível de toxicidade são potencialmente letais para toda e qualquer forma de vida, adquirindo o caráter de “biocidas”. Outros tantos, tem na seletividade sua principal característica, minimizando seu grau de letalidade. Outros, ao homem, são aparentemente inócuos, mas agem de modo indireto no ecossistema.

Uma escolha que foi imposta por uma visão reducionista da ciência e pelos interesses econômicos, ambos elementos que permeiam o ideário da indústria química, tendo esta através de um poderoso esquema de *marketing* influenciando os agricultores a mudarem suas práticas, fazendo com que estes acreditassem na irreversibilidade dos ataques das pragas senão a partir de maciças doses de agrotóxicos.

De acordo com Hoirisch (1990), os distúrbios anímicos vinculados à intoxicação crônica, manifestam-se em seus estágios iniciais como alterações comportamentais, sendo as mais freqüentes as manifestações depressivas e os distúrbios na relação sono-vigília, somadas a perda de interesse pelas atividades habituais, diminuição do impulso sexual, cansaço, psicomotricidade lenta e rendimento intelectual reduzido, detectados na maioria das vezes a prioristicamente pela família e pelas pessoas que convivem cotidianamente com o indivíduo intoxicado.

Ainda segundo o autor imediatamente supra mencionado, o curso das manifestações é insidioso, mesmo sendo reversível na maioria dos casos. Na situação de investigação diagnóstica, no estabelecimento da terapêutica e no estabelecimento do prognóstico é fundamental o conhecimento da história ocupacional, da especificidade das tarefas desenvolvidas pelo indivíduo, bem como, do ambiente onde estas acontecem. O

comportamento pré-morbido é importante na medida em que permite estabelecer comparações e conclusões quanto à qualidade e a intensidade dos distúrbios apresentados.

A grande maioria dos trabalhadores que se encontram em situação de exposição aos agrotóxicos, estão expostos a vários tipos diferentes de agrotóxicos, ao longo de muitos anos, e ainda, usando parcialmente os equipamentos de proteção individual, gerando quadros sintomatológicos combinados, de difícil diagnóstico diferencial e com terapêutica prescrita de forma inadequada.

Uma questão importante que se coloca ainda, é que o estudo dos grupos submetidos a doses baixas por longos períodos se torna difícil, em razão dos efeitos serem confundidos com outras afecções. Neste sentido os estudos controlados de um pequeno número de indivíduos expostos podem ser o desenho epidemiológico mais interessante.

3. FRAGMENTOS DO USO DOS AGROTÓXICOS NA AMAZÔNIA:

ALGUNS RESULTADOS DE PESQUISA

Na Amazônia, mais particularmente no Estado do Pará, a utilização de agrotóxicos vem se consolidando como prática nos últimos 20 anos e se intensificando na última década, sendo o uso predominante, no que concerne ao município de Igarapé-Açu, de produtos de médio e alto risco de intoxicação.

Entendendo ser esta uma questão de saúde pública da maior importância, estes resultados são parte de uma pesquisa que teve como foco a saúde mental de agricultores a partir da situação de exposição sistemática destes aos agrotóxicos usados nas lavouras. A pesquisa foi desenvolvida no ramal do Cumaru, no município de Igarapé-Açu, no Estado do Pará, com agricultores em situação de exposição prolongada aos agrotóxicos, e teve como um de seus objetivos traçar o perfil de morbidade, bem como, o regime de uso e de exposição, dos agricultores do referido município aos agrotóxicos, a partir de um recorte de gênero e faixa etária. Investigou-se ainda a percepção destes acerca dos riscos aos quais estão submetidos a partir do uso destas substâncias em sua prática laboral e realizou-se ainda o levantamento acerca das redes de relação laboral, a satisfação destes com o próprio trabalho e as razões que permeiam a permanência destes no trabalho agrícola.

3.1. RECONHECENDO OS CAMINHOS E AS PESSOAS...

O grupo inicial constituía-se de 24 agricultores, de onde foram selecionados do 20 agricultores, sendo o critério de inclusão, o uso laboral do agrotóxico por no mínimo 5 anos. Os dados iniciais, foram coletados mediante observação participante, bem como, através de conversas informais e entrevistas semi estruturadas oportunizando o estabelecimento de uma interação inicial com os agricultores e suas famílias.

Esta etapa constituiu-se de um processo de aprendizagem sobre o **lugar** (Cumaru e travessa do 16), sobre os **caminhos**, o ir e vir nas travessas, nos ramais, nas roças e nas plantações de maracujá e pimenta, sobre as **pessoas** que lá vivem, os agricultores e suas famílias, mesmo os que não constituíram a amostra e as **rotinas**.

Foi realizado, um levantamento junto aos agricultores com o objetivo de traçar um perfil das relações de trabalho e a rotina de atividades laborais diárias, oportunizando a delimitação das tarefas de acordo com o gênero e a faixa etária, demarcando a diferença entre os espaços laborais e domésticos no que se refere à prática e a inserção dos atores. Foram consideradas ainda as estratégias de uso dos agrotóxicos, tipos e quantidade utilizada assinalando a cronologia do uso. A reconstituição da “história de vida laboral e familiar” foi levantada a fim de conhecer a forma de inserção dos agricultores nesta atividade a partir de sua biografia, sendo reconhecida à história familiar como relevante por uma estar, neste caso, intrinsecamente relacionada à outra.

Dos 20 agricultores, quatorze, 70%, tiveram Igarapé-Açu como seu local de nascimento, três são de municípios vizinhos, pertencentes a uma formação econômica e social semelhante, sendo apenas três de fora do Estado, dentre estes dois são oriundos da região Nordeste, de onde vieram levas de migrantes para a região bragantina em busca de terra para trabalhar, conforme já mencionado anteriormente. A preponderância de agricultores “filhos de Igarapé-Açu”, como eles se denominam, remete ao vínculo dos mesmos com a região e com a terra onde trabalham.

No que concerne aos pais destes, onze nasceram em Igarapé-Açu, reforçando a situação da terra e do ofício passado de pai para filho criando uma tradição de trabalho na terra, mesmo podendo se acrescentar aos três oriundos dos municípios da circunvizinhança. Os oriundos do Ceará reforçam o já manifestado acima sobre os imigrantes nordestinos na região.

A amostra abrangeu uma faixa etária entre 23 e 77 anos, garantindo a possibilidade de discursos emergindo de várias gerações. A maior concentração encontra-se entre 41 e 60 anos, etapa da vida onde as “escolhas” se consolidam e a prática no ofício é realizada com maior destreza, em contrapartida também aumentam os riscos quanto ao processo de adoecimento, face a idade, e acirram-se os questionamentos acerca do realizado até esta etapa e as possibilidades de construções laborais e existenciais futuras.

A grande maioria, 85% compartilha a vida com uma companheira, sendo as relações estáveis e com um tempo de permanência significativo, estando apenas 06 destes em uma situação de segunda união e 01 em situação de terceira união. As relações estabelecem-se em uma situação onde o homem é considerado o chefe da família, tendo porém as mulheres participação tanto no trabalho como nas decisões familiares no que diz respeito ao espaço doméstico e nos cuidados parentais e relativa ingerência nas decisões laborais, sendo porém interlocutoras preferenciais nas dúvidas e angústias vivenciadas pelos mesmos.

A tradição de ser lavrador percorreu a vida da grande maioria, corroborando os comentários acima no que tange ao vínculo com a terra, a formação econômica e social da região e as próprias contingências que lhe foram oportunizadas na vida. Adicionando a este dado, o fato de que 16 deles sempre se perceberam como produtores mesmo quando prestavam ou prestam serviços para terceiros. Ser o dono da própria terra e do negócio é vivenciado por eles como algo extremamente importante pelo sentido de autonomia vinculado a esta estratégia de sobrevivência.

O tempo médio de permanência na escola foi de 2 anos, ao lado de 3 anos para as esposas / companheiras. Um tempo de vida marcado fundamentalmente pelo trabalho na terra, com dificuldade de organização da cronologia existencial a fim de poder dar conta das esferas laboral e de formação nos parâmetros da escolaridade formal. Ao lado das próprias características de calendários contraditórios: o da terra e o da escola, se colocaram as dificuldades de transporte até esta última. Em alguns o discurso, soa como o de uma aspiração onírica sem âncora na realidade concreta.

A escolaridade se colocou / coloca como um compromisso destes para com as gerações futuras, porém na prática os adolescentes do sexo masculino substituem a escola

pelas obrigações laborais antes de terem concluído os anos do ensino fundamental e as exceções se colocam mais freqüentemente para as adolescentes do sexo feminino, mesmo assim marcadas pela saída da escola em razão da maternidade precoce e dos compromissos que advém desta, inaugurando em alguns casos um núcleo familiar de reprodução quando ainda deviam estar envolvidas nos cuidados parentais da família de origem, embora em muitos momentos estes núcleos familiares se interpenetrem em razão da proximidade de moradia (no mesmo lote) e atividades.

3.2. A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS LABORAL E DOMÉSTICO

O trabalho entre eles se organiza a partir de um espaço rural, especificamente neste estudo, caracterizado pelo ramal do Prata e pelas travessas do 16 e do Cumaru ao longo das quais se localizam os lotes onde se estabelecem os espaços domésticos e as lavouras, sendo ambas as travessas cortadas por igarapés e um núcleo urbano com o qual os agricultores estabelecem trocas freqüentes, através da ida à feira, todos os sábados, da aquisição de alimentos, de insumos que são usados nas lavouras (inclusive os agrotóxicos), de objetos de uso pessoal, bem como, o acesso as unidade de saúde e ao hospital e a farmácia que os “acolhe” quando não conseguem acessar os serviços de saúde. O meio de locomoção preferencial é a bicicleta, sendo que alguns poucos possuem motocicleta e em menor escala carro ou cavalo.

No ramal e nas travessas supra mencionadas a luz elétrica foi instalada no ano de 2002, porém nem todas as unidades habitacionais já fizeram as instalações próprias, embora já seja perceptível que novos hábitos e novas demandas vem se estabelecendo.

Quanto à moradia estas variam entre 24 e 50 metros² de área construída, sendo que nos extremos encontramos casas de 16 metros² de área construída e 133 metros², neste caso apenas uma; divididas na maioria em 4 cômodos; com maior freqüência de paredes de taipa seguida de paredes de madeira; o piso mais encontrado é construído em cimento, sendo porém relativamente comum casas com piso de chão batido. A cobertura na sua maioria é de telhas de barro ou cimento.

A fonte de água principal é o igarapé (08 não tem poço, utilizam apenas o igarapé como fonte de água), ou o poço manual (12 possuem poço dentro da propriedade ou em lugar próximo), sendo que mesmo quando a família possui o poço no lote, o igarapé

continua a ser utilizado se ele encontra-se próximo a casa ou à lavoura. O espaço rural não possui água encanada nem saneamento básico sendo o assento sanitário predominante de madeira (14 possuem este tipo) ou pedra (05 o p utilizam com suas famílias) e o tipo de esgoto “fossa negra”. Importante salientar porém que ainda encontram-se casos aonde os dejetos vão para o mato, muitas vezes próximo aos cursos d’água. Da mesma forma em que o lixo é amontoado perto das casas e é periodicamente queimado ou simplesmente “transformado” pela própria natureza.

Do espaço doméstico fazem parte os animais aos quais as famílias estão afetivamente ligadas, como os cachorros e gatos, bem como, as criações de galinha, picota, pato, peru e porco, transformando a área em volta da casa em um quintal de ocupação múltipla, crianças brincando, animais, varais de roupa secando, poço, banheiro, enfim, um espaço vivo onde se entrelaçam múltiplas tarefas e situações de convivência e lazer da família. O espaço é ainda invadido, face a situação de material orgânico em quantidade significativa exposto a céu aberto, por moscas em profusão, sendo as mesmas parte inerente ao cenário.

Uma boa parte dos lotes tem mais de uma casa construída, sendo habitual a construção de mais 2 ou 3 casas conforme os filhos vão formando sua família de reprodução ou membros da família de origem herdaram conjuntamente um mesmo lote ou ainda quando membros da família de origem do companheiro ou da companheira migram de outras regiões e vem se estabelecer temporária ou permanentemente no lote.

São freqüentes ainda as casas de farinha e os depósitos onde são guardados os utensílios utilizados no trabalho, inclusive as embalagens contendo os agrotóxicos, embora estes últimos junto com os pulverizadores venham sendo guardados dentro das casas para evitar roubo. No que se refere aos equipamentos, ferramentas e utensílios de trabalho, todos possuem enxadas, terçados e foices. Na sua maioria, possuem pulverizadores e carrinhos de mão. Em menor escala, adquirem uma plantadeira manual.

A grande maioria dos lotes onde vivem e trabalham os agricultores foram herdados, tendo casos porém de aquisição através de recursos oriundos de empréstimo ou de recursos próprios, auferidos através de trabalho assalariado em lavouras de terceiros. Todos os agricultores contatados tem na roça parte importante de seu trabalho, estando

quase toda a família envolvida nas tarefas que envolvem sua existência, inclusive as mulheres e as crianças, sendo os produtos gerados a partir da roça utilizados para o sustento da família e os excedentes comercializados diretamente no lote ou levados para as feiras, preferencialmente a de Igarapé-Açu.

Muito poucos insumos são utilizados nestas lavouras temporárias, embora o sejam ocasionalmente, principalmente os adubos químicos e orgânicos e os herbicidas para “matar o mato que invade o roçado”. Ainda a estratégia de corte e queima predomina como forma de preparação da terra para o plantio, pousios curtos, estando parte da terra já apresentando sinais de degradação

Desde o final da década de 80 e mais intensamente na década de 90 do século passado as lavouras de culturas temporárias, vem cedendo espaço para as culturas permanentes, mais especificamente o maracujá e a pimenta e em menor dimensão as hortaliças, a pimenta doce e outros cítricos em escala diminuta. Com a entrada de forma sistemática da lavoura do maracujá e da pimenta, aumentou significativamente a utilização de insumos, principalmente os agrotóxicos.

A rotina diária de trabalho de segunda à sexta-feira inicia-se entre 5:00 e 6:00 horas da manhã, quando são realizadas as atividades na roça, nas lavouras permanentes e em alguns dias específicos nas casas de farinha. Para a roça dirige-se boa parte da família, inclusive parte dos adolescentes, mulheres e crianças sendo o trabalho dividido de acordo com a idade e possibilidade de realização da tarefa.

Permanecem no espaço doméstico as mulheres grávidas nos últimos meses ou quando estão menstruadas, as crianças menores de 6 anos, sob a responsabilidade de uma ou duas crianças do sexo feminino alguns anos mais velhas ou já adolescentes que assumem as tarefas domésticas de cozinha, limpeza, lavagem de roupa, cuidados com as crianças menores e com os animais que constituem as criações domésticas, galinhas caipiras, picotas, patos, perus e porcos. Uma atividade importante que se coloca é o abastecimento da casa de água, oriunda do igarapé ou do poço, sendo esta uma tarefa penosa. Muitas vezes o armazenamento da água é feito em embalagens que anteriormente continham agrotóxicos, embora seja enfatizado por eles que os submetem a uma lavagem

muito “cuidadosa”, inclusive com 5 enxaguadas, fato que se minimiza o risco não o inviabiliza de forma alguma.

Permanecem ainda as crianças que vão à escola no período matutino e os membros mais velhos da família que já se encontram sem condições de trabalho fora do espaço doméstico ou necessitam de cuidados especiais ou ainda algum membro da família que esteja doente, sendo a tarefa de “cuidar do outro”, considerada e experienciada como feminina. As crianças de ambos os sexos, a partir dos 6 anos participam da tarefa de raspar mandioca e peneirar a massa para fazer a farinha. Ainda um contingente significativo de adolescentes do sexo feminino, a partir dos 12 anos vão para Castanhal ou Belém, para trabalharem como domésticas.

Para as lavouras de maracujá e pimenta dirigem-se no período da manhã os adultos e os adolescentes do sexo masculino, que são responsáveis pelas tarefas de plantio, capina e pulverização, não participando as mulheres desta atividade, excetuando nos períodos de colheita, quando então toda a família é envolvida independente de sexo e faixa etária. As atividades da manhã se estendem até cerca de 11:30 horas, quando então todos retornam para o espaço doméstico, lá permanecendo até por volta das 14:30, quando se iniciam as tarefas da tarde que se estendem até por volta das 17:00 horas, principalmente as relacionadas à polinização, preparação de mudas eventualmente, plantio ou colheita dependendo do período. Na lavoura do maracujá, nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro a atividade principal é o plantio, julho a setembro a polinização e entre outubro e novembro a colheita.

Percebe-se uma divisão de trabalho a partir de uma lógica de gênero, onde o espaço doméstico e de cuidados é entendido como feminino e o espaço externo à casa como masculino, sendo a roça ou os momentos de polinização e colheita, onde a mão-de-obra feminina e infantil é largamente utilizada, como situações em que o trabalho feminino é entendido como uma “ajuda” e considerado como “complementar”, tanto pelos homens quanto pelas próprias mulheres. Sendo interessante que a atividade de polinização, ao ser marcadamente realizada pelas mulheres, que inclusive são contratadas para esta tarefa fora de seu próprio lote, gerando recursos para a manutenção da família é tida como de fácil realização, sendo excluídas as possibilidades de contaminação pelo agrotóxicos, mesmo

que elas sejam óbvias, pois muitas vezes a pulverização aconteceu pela manhã e os resíduos do produto ainda estão na planta ao ocorrer a polinização no período da tarde. Fragmentos de uma tragédia silenciosa. Da mesma forma, cabe ao universo masculino a gestão sobre os recursos financeiros da família, inclusive as raras situações de acesso ao crédito são sempre referendadas no homem. Fragmentos da invisibilidade feminina.

No que se refere à roça, a divisão do trabalho se estabelece com o homem se responsabilizando pelas atividades de derrubada e queimada, consideradas como as que demandam maior esforço físico, sendo estas cronologicamente demarcadas, enquanto a lida feminina está vinculada ao plantio, a capina e a colheita, estas consideradas mais leves e passíveis de serem efetivadas em parte pelas crianças em conjunto com as mulheres, sendo atividades que se prolongam ao longo do tempo de cuidados com a roça.

De forma semelhante se organiza o trabalho de fabricação da farinha. Podemos pensar em um tempo e espaço de reprodução e manutenção da vida como constituinte e instituinte do universo feminino. A roça, a farinha, o alimento e os cuidados que tornam a vida possível em uma jornada marcada pela permanência e continuidade do trabalho, entendido como afetivamente justificado na sua dura lida. Deste universo fazem parte as crianças, “exército” arregimentado pelas mulheres na sua instância de poder.

Como “cuidadoras” são chamadas a falar das doenças da família. Durante as entrevistas com os agricultores, ao serem questionados sobre sua história de saúde-doença, chamavam as mulheres, que muitas vezes já estavam silenciosamente ao lado, para perguntar a partir de uma situação de doença instalada, sobre sinais e sintomas “percebidos por elas / sentidos por eles”, tratamentos, remédios (guardados e dados em momento certo pelas esposas ou filhas), médicos e consultas, tempo de duração das manifestações, enfim, revelando uma certa dificuldade de dar conta de si mesmo sem a palavra da “cuidadora”, em uma atitude em alguns momentos infantilizada, denotando fragilidade diante dos próprios incômodos.

Ao mesmo tempo, em que este mesmo discurso masculino muitas vezes foi pontuado por frases que remetiam a uma “resistência” diante de qualquer possível doença, sempre ressaltando qualidades de força e relacionando a doença com fraqueza e covardia, principalmente se esta estava relacionada a sua atividade laboral. Do grupo de agricultores

partícipes deste trabalho, apenas três vivem sem uma companheira ao lado, sendo que um deles, de 23 anos, ainda tem na mãe, sua referência de cuidados e os outros dois, que são viúvos, são cuidados pelas filhas.

Quanto à comercialização do maracujá se dá principalmente através dos atravessadores que compram a produção no próprio lote, ficando responsáveis pelo transporte, embora seja aparentemente mais seguro para o produtor, são embutidas as despesas de “caixaria”, armazenamento e transporte que diminuem consideravelmente o valor do produto e conseqüentemente os ganhos e as possibilidades de investimento na nova safra, sendo esta uma queixa freqüente por parte dos agricultores.

Aos sábados quase toda a família dirige-se a feira, no núcleo urbano do município. Este espaço para os agricultores é de venda e de aquisição de produtos. Uma parte da farinha, pois a outra é vendida nas próprias casas de farinha para os atravessadores, e dos produtos excedentes produzidos na roça que são comercializados e são adquiridos os bens de consumo necessários para a família. É ponto de encontro, lócus privilegiado de socialização e troca. É um momento da rotina semanal, muito valorizado por eles. O domingo é dia de folga, vão à igreja, jogam bola, encontram-se com os vizinhos e os parentes e bebem muito, principalmente cachaça. Ter a ingestão alcoólica como co-fator da intoxicação crônica pelos agrotóxicos que possivelmente acomete a maioria dos agricultores deste grupo é um fenômeno que precisa ser estudado em suas manifestações clínicas e possibilidades de agravamento.

3.4. PERCEPÇÃO SOBRE SI, NO TRABALHO....NA VIDA

A percepção dos agrotóxicos como um risco ocupacional corporificado através de seu uso freqüente, um elemento do trabalho que pode adoecê-los e até levá-los a morte é percebido de forma defensiva. Não podem negar, em razão dos casos que já presenciaram na comunidade ou souberam através de terceiros que aconteceram em outras colônias, porém os justificam pela inexperiência ou inabilidade de quem estava pulverizando, pela idade, por outras doenças anteriores que os vitimizados já haviam sido acometidos ou por fraqueza dos mesmos. Fazem questão de reafirmar os tantos que usam e nada sentem. Porém, ao falarem de seus próprios sintomas, acabam falando do medo de ficar doente e

não poder continuar trabalhando. Alguns fragmentos de relatos coletados através das entrevistas de avaliação psicológica, relacionados abaixo, corroboram esta afirmação:

Um dos agricultores, já com 77 anos, há 10 anos começou a usar os agrotóxicos, quando começou a trabalhar com o maracujá e a pimenta. Logo que começou a usar usava um lenço no nariz, ficava agitado, sentia um “comichão” e um “ardume” nos braços e no rosto, a coceira demorava um espaço de tempo pequeno que ele não soube precisar e melhorava quando lavava com água e sabão e tomava leite. Depois de um tempo, acha que por causa da idade passou a ter dores de cabeça como nunca havia tido antes, cansaço, muito “nervoso” e falta de sono, não conseguia ouvir “zoada” que piorava.. Procurou o médico e este sugeriu que ele se aposentasse e disse-lhe que ele era diabético.

Há 4 anos parou de trabalhar, ficou, segundo ele, pior ainda. Não sentiu mais a dor de cabeça e o cansaço mas passou a sentir uma tristeza muito grande, pois sempre trabalhou muito, a vida inteira, e não consegue ficar parado em casa. Chorou muito durante o relato de sua situação atual. Ao ser perguntado sobre a relação entre o aparecimento dos sintomas de fadiga, insônia, “nervoso” e dor de cabeça e o uso dos agrotóxicos, o mesmo disse não achar que teve relação, acha que o que sentia tinha a ver com o diabetes e que sumiram os sintomas porque ele hoje toma remédio (Glionil), não bebe mais e não usa mais açúcar.

Relatou que nasceu para ser agricultor, não precisar ter patrão, nunca quis fazer outra coisa, mesmo quando em muitos momentos a vida ficou muito difícil. Já teve muito na vida, porém em um determinado momento, que não soube precisar, perdeu tudo por conta da feiticeira Maria Trovão, que lhe disse que ele precisava dar tudo o que tinha. Teve que começar de novo, contou na época com a ajuda dos filhos. Está querendo quando se sentir melhor, plantar uma horta perto de sua casa.

Outro agricultor entrevistado, aos 50 anos, sabe que agora está no lugar que queria estar, trabalhando na agricultura. Já fez várias atividades na vida. No início trabalhou com o pai e para terceiros, como agricultor, em Igarapé-Açu mesmo, mas depois casou e resolver tentar a sorte em outro lugar. Trabalhou como seringueiro, “foi empregado na Goodyear e na Pirelle”, onde usou o “veneno” pela primeira vez. Embora lá tivesse o equipamento de proteção, nunca o usou por completo, usava apenas a luva. Depois de 8

anos trabalhando perto de Belém , como empregado, resolveu voltar para Igarapé-Açu, para trabalhar por conta própria na agricultura, não queria mais ter patrão, comprou então o lote de um tio a partir de recursos adquiridos no seu trabalho como assalariado. Considera que na lavoura o dinheiro “pinga” sempre, embora a situação a maior parte do tempo seja difícil. Pretende plantar pimenta assim que tiver recursos.

Trabalha com veneno na lavoura de maracujá e também na roça, para “matar capim”, sente “alergia”, “vermelhidão” e “coceira”, porém toma sempre leite. Sente dor de cabeça, mas é desde menino, tem enxaqueca desde a infância, piora mais “na lua”. Já tratou com “garrafada” e com “anador”. Da mesma forma que já teve alergia em outras situações, como quando trabalhava em ambiente com fumaça ou com tinta. Pulveriza junto com os filhos mais velhos, mais ou menos, duas vezes por semana. Acha que é fraco para “estas coisas de cheiro”. Os filhos segundo ele, nada sentem.

Outro agricultor, já com 65 anos, sente-se extenuado da vida como agricultor pois o trabalho, segundo ele é muito duro e já se sente velho e cansado, tendo que usar cada vez mais mão de obra de terceiros, embora dois de seus filhos trabalhem com ele. Trabalhou durante muitos anos para “os outros” só passando a trabalhar no seu próprio lote a partir de 1993. Se tivesse recursos gostaria de trabalhar com peixe ou com pecuária, acha que é mais tranquilo. Pulverizou durante quase 8 anos, mas passou a sentir-se mal, com problemas de “coceira” que não passava e dor nos olhos e na garganta. Hoje em dia raramente pulveriza, sendo esta tarefa realizada por seus filhos e algumas vezes ele precisa pagar para terceiros. Sabe que faz mal mas segundo seu relato se não pulverizar perde a plantação e sem o dinheiro da mesma o agricultor não vive, então o jeito é usar mesmo que faça mal.

Um dos entrevistados relatou que veio para Igarapé-Açu, em 1975, ainda “garoto novo” começou a trabalhar. Fez várias atividades, conforme aparecia, até que passou a ter um emprego fixo em uma granja. Trabalhou também na agricultura para terceiros até que conseguiu comprar um lote em 1985. Sente-se muito bem com o que está fazendo e encontra-se entusiasmado com a plantação de maracujá, que acha que vai “dar bem”, estando disposto a aumentá-la, bem como, iniciar uma plantação de pimenta do

reino. Pretende ainda manter a roça de mandioca e milho que tem, mais para consumo do que para venda.

Pulveriza há mais de 5 anos em torno de 2 vezes por semana e nunca se sentiu mal, não tendo nenhuma reação adversa. O filho mais velho de 17 anos já o ajuda, inclusive fazendo pulverização. Arrepende-se de ter saído da escola e tem orgulho de poder ter todos os seus cinco filhos na escola. Há dois anos atrás mandou seu filho mais velho, que considera muito inteligente para Castanhal para estudar em uma escola melhor, porém ele não se adaptou, sentiu saudades de casa e pediu para voltar para Igarapé-Açu. Está atualmente estudando na escola no centro da cidade, no período noturno, dorme na casa de um parente e retorna no outro dia cedo para o Cumaru, já está para concluir o ensino médio, fato que muito orgulha a família. Gostaria que o filho fizesse uma faculdade e pudesse ter outra vida, diferente das dos pais.

Outro agricultor queixa-se das pragas que atacam a lavoura do maracujá e o deixam muito preocupado, pois apesar de usar sistematicamente os agrotóxicos não consegue contê-las já tendo tido perdas que o abalaram muito, mas ainda considera melhor do que plantar mandioca, pois está dando muito trabalho e o preço está muito baixo, não compensando. Relatou não estar preocupado com os efeitos sobre sua própria saúde, pois anda muito preocupado e “nervoso” e tudo o que precisa é que sua plantação de maracujá e a de pimenta, que está começando, dêem certo. Apesar da idade (51 anos), sente-se forte e não acha que os agrotóxicos façam mal a ele.

Um dos participantes assumiu o lote desde 1985, o tendo herdado. Planta maracujá, pimenta e tem um roçado. Trabalha junto com dois de seus filhos e está participando com entusiasmo da experiência de ter a sua terra triturada sem precisar usar fogo. Acha que a sua situação atual está boa e pretende continuar trabalhando cada vez mais para poder viver mais “folgado” e proporcionar um pouco mais de conforto para sua família que é grande e vivem todos juntos, ainda mais agora com a neta. Pulveriza há bastante tempo, não soube precisar quanto, às vezes sente dor de cabeça e tontura mas passa logo, geralmente é quando não está bem do “fígado”. Quando sente “alergia na pele”, toma leite e passa uma semana sem pulverizar e quase sempre melhora.

Dentre os mais idosos, aos 76 anos, um dos agricultores apresentava-se muito deprimido durante o contato que foi feito, apresentando inclusive dificuldade de verbalização, segundo sua nora ele até recentemente ainda trabalhava na lavoura, inclusive com pulverização, mas de uns tempos para cá, emagreceu muito, está com fraqueza e muito triste não tendo vontade de fazer nada, estão pensando em levá-lo ao médico em Belém, pois em Igarapé-Açu está muito difícil conseguir consulta e não tem médico de “cabeça”.

Dois dos agricultores já se encontram doentes, inclusive afastados da atividade de pulverização mas ainda em contato com os agrotóxicos de forma indireta pois fazem todas as outras tarefas com exceção da mencionada, permanecendo próximos das possibilidades de re-intoxicação.

Um deles, natural de Igarapé-Açu, sempre trabalhou como agricultor, bem como, seu pai, também natural deste município. Assumiu o lote em que trabalha em 1984, adquirido em parte com recursos próprios, em parte com a ajuda do pai, inclusive continuou trabalhando para este por algum tempo, mesmo já tendo o seu próprio lote. Trabalhou com pulverização por alguns anos, tendo sido obrigado a parar em virtude de ter ficado doente. Aos 39 anos, apresenta um problema de “vista” assim como, uma “alergia” que causa intensa “coceira”. . Está tentando fazer um tratamento em um município vizinho mas encontra-se muito preocupado com o que está sentindo, pois tem medo de não conseguir mais trabalhar daqui a algum tempo e seus filhos ainda não tem condições de assumir sozinhos o trabalho e ainda recentemente, como estava precisando de dinheiro aceitou fazer um trabalho fora do seu lote, apesar de estar sentindo-se mal.

O outro agricultor que já se encontra doente, revela uma situação revestida de uma gravidade já percebida em parte pelo mesmo. Aos 45 anos apresenta-se quase impossibilitado de trabalhar. Seu pai nasceu em Igarapé-Açu, assim como ele e todo o restante da família, o pai é lavrador e este aprendeu o ofício com o pai, desde os 11 anos já trabalhava com o mesmo. Assumiu o lote em que trabalha, em 1992, com recursos oriundos de um empréstimo. Trabalha também no lote de uma irmã. Tem roça, uma casa de farinha, inclusive vendendo este produto na feira em Igarapé-Açu todos os sábados e uma plantação de maracujá.

Há 16 anos trabalha com maracujá e pimenta, pulverizando há mais de 10 , já trabalhou muito com pulverização inclusive para terceiros. Há 4 anos começou a sentir-se mal, no início apareceu como uma névoa na vista, esta ficava embaçada, sentia tontura, começou a sentir “problema de cabeça”, além da dor, uma “zonzeira” e uma raiva que dava “de repente”, não podia ouvir “zoada” que ficava “nervoso” e com vontade de gritar. Vivia triste, pelos cantos, tinha dia que nem conseguia levantar para trabalhar, pensou que estava ficando “doido”. Foi no médico, em Igarapé-Açu, “no posto do SESP” em virtude de sentir além de tudo, uma dor na garganta e uma rouquidão, a garganta se fecha e não consegue nem “engolir direito”, é como se ficasse “engasgado”. Porém, o médico do posto passou só anti-inflamatório e não resolveu.

Foi encaminhado então para Belém, para “aquele hospital que trata de doido mas não é só de doido” , fez tratamento durante 6 meses tomando remédio controlado, mas parou por que era difícil ir todo mês e às vezes chegava e não conseguia ser atendido no dia que havia sido agendada a consulta, o que complicava muito a situação pois tinha que ficar em Belém, largar o trabalho por vários dias, acabou por abandonar o tratamento. Ingeriu na época, conforme as caixas dos remédios que foram mostrados a mim durante a entrevista: diazepam, haloperidol, amytril e calmocitec. Relatou que melhorou mas os remédios davam muito sono e não resolvera nem o problema da vista nem o da garganta que persistem até hoje.

Morou no centro urbano, quando era criança e estudou até a 2ª série do ensino fundamental, era muito “esperto”, segundo ele, e sempre aprendeu tudo muito rápido. Qualquer coisa que lhe ensinavam ou que ele observava, logo sabia fazer, inclusive sempre teve boa memória. Desta “doença para cá” passou a ter dificuldade de entender o que as pessoas explicam, não consegue mais aprender, ficou “aéreo”, “perdeu a memória”. Quando agora vai comprar alguma coisa em Igarapé-Açu tem que levar anotado senão esquece pelo meio do caminho. Continua triste, às vezes não quer que ninguém fale com ele, fica muito agitado. Depois que “perdeu a saúde”, parou de beber e não acha mais graça nas coisas.

Continua trabalhando mas não “rende” mais como antes. Os filhos o ajudam mas encontra-se muito preocupado com a sua situação. Ao ser questionado sobre a relação

da sua “doença” com a atividade de pulverização com os agrotóxicos, o mesmo disse que às vezes desconfia mas acha que não, pois trabalhou tanto tempo e nunca sentiu nada, conhece tanta gente que pulveriza, inclusive seus filhos e não sentem nada, que acha difícil. Quando questionado sobre como se relacionava com as pessoas antes da doença, relatou que vivia muito bem, sempre alegre e se dava bem com todo os vizinhos e conhecidos, sempre gostou de trabalhar na lavoura e também sempre se deu bem com a sua família, tendo inclusive 11 filhos e 9 netos.

Quando questionado sobre a sua família de origem relatou não ter ninguém que tenha sentido “estas coisas da cabeça”, nem sentido nada parecido com o que ele sente. Se avaliarmos os dados oriundos do relato verbal, colocam-se possíveis evidências de um caso de intoxicação crônica por agrotóxicos com sintomatologia que sugere a apresentação de um distúrbio de humor onde estão presentes componentes de ansiedade, bem como, depressivos ao lado de alterações neuropsicológicas no que se refere a déficits cognitivos e de memória.

Dentre os sintomas de intoxicação por organofosforados e carbamatos coloca-se, o “lacrimejamento, a visão turva ou embaçada, fraqueza, tontura, dificuldade respiratória”. Dentre os sinais de intoxicação por organoclorados, se fazem presentes a “irritabilidade, a dor de cabeça e o mal estar”. Dentre os sintomas apresentados nas situações de cronicidade, “os distúrbios neuropsicológicos ao lado das alterações neurocomportamentais” são detectáveis.

Logo, a partir dos sinais e sintomas relatados pelo agricultor é possível inferir a situação de intoxicação crônica, bem como, as manifestações depressivas e de ansiedade que vem permeando sua vida nos últimos 4 anos, remetem possivelmente a um processo de acumulação de substâncias tóxicas que ao atingirem um determinado patamar ainda desconhecido, desencadeiam por indução tais transtornos. Dúvidas colocam-se a respeito da possibilidade de reversibilidade após a retirada da situação de exposição, pois mesmo, o agricultor em questão, relatando estar afastado das situações de pulverização, o contato indireto continua constante, muitos cuidados não sendo tomados, até por minimizar o nexo entre a doença e a tarefa em foco, dificultando constatar essa possível reversibilidade sugerida pela literatura especializada.

Se tomarmos como referência os fragmentos de relatos acima citados alguns indícios se colocam que corroboram a hipótese de que a situação de exposição a qual estão submetidos se reveste do caráter de cronicidade, como por exemplo: as dermatites de contato presentes em quase todos os relatos que aparecem na forma de “alergia”, “comichão”, “coceira”, “vermelhidão” e “ardume”, as “dores de cabeça”, o “cansaço”, a “fraqueza”, a “tontura”, o “nervoso” e a irritabilidade expressa no incômodo com o barulho, a sensibilidade diante dos odores, os “problemas de vista”, a depressão acentuada de difícil inferência pela falta de dados, enfim fatos que revelam ao mesmo tempo que foram em algumas situações cuidadosamente “escondidos” pela banalização com que foram enunciados, em uma tentativa de ao negar se proteger da tragédia intuída.

Contam com escassos recursos de saúde no município, ao lado de uma situação de exclusão *a priori*, face a dificuldade de acesso aos serviços, que não os acolhem adequadamente, não garantindo nenhum programa ou ação voltada para prevenir ou minimizar as seqüelas das intoxicações agudas, que quando ocorrem, dependendo do nível de gravidade são encaminhadas para a capital, os casos mais simples, quando detectados, são tratados no Hospital no que se refere a sintomatologia apresentada sem configurar em nenhum tipo de registro diferenciado que possa gerar dados que oportunizem intervenções futuras na forma de um programa voltado para este grupo protocolos de investigação adequados.

Diante de um sistema de saúde que os exclui, buscam alívio para seus males nas garrafadas, nos chás, nos banhos de ervas, nos conselhos dos farmacêuticos / donos de farmácias em Igarapé-Açu, na auto-medicação, na utilização de remédios que já foram usados por conhecidos e parentes e em último recurso procuram Unidades de Saúde e/ ou Hospitais. Alguns em atitude estóica simplesmente se “conformam” com os “incômodos” e os incorporam as dores que os constituem, até o momento em que estes se tornam mutiladores ou insuportáveis, sendo o agente desestabilizador a impossibilidade de trabalhar e fazer frente as demandas laborais, familiares e sociais. Uma identidade que se esvai no sofrimento e na perda dos referenciais de si mesmo.

É possível sintetizar as principais manifestações relatadas pelos agricultores no que tange a sinais e sintomas relacionando-os com a freqüência com que foram citados,

bem como, o tempo de utilização dos agrotóxicos. Outro dado importante é o tempo que trabalham no lote ao qual se encontram vinculados atualmente ou pela posse ou pelos laços de parentesco com o proprietário.

Consideram o trabalho cansativo, exaustivo muitas vezes mas se orgulham dele, mesmo que sempre repitam as agruras e as mazelas de seu cotidiano, como quem relata uma epopéia de sobrevivência, em que o grande feito é a transposição da dificuldade. O processo de trabalho fortalece ao mesmo tempo que adoce. O trabalho é então, meio de vida, meio de reconhecimento, estratégia de pertencimento a um grupo, meio de morte...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, T. O Olhar do sujeito sobre o trabalho que executa. In: SAMPAIO, J. R. **Qualidade de vida, saúde mental e Psicologia Social: estudos contemporâneos II**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ARENDRT, H. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense/EPU, 1981.

D'ACRI, V.; BRITO, J. Referencial de análise para o estudo da relação trabalho, mulher e saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Volume III, n.º 2, abr./ jun. Rio de Janeiro: ENSP / FIOCRUZ, 1991.

DEJOURS, C. **A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Oboré, 1987.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

HOIRISCH, A. Distúrbios neuropsíquicos e meio ambiente. In: **Fórum sobre saúde e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Academia Nacional de Medicina, 1990.

JARDIM, S. O trabalho e a construção do sujeito. In: SILVA FILHO, J. F.; JARDIM, S. (orgs.). **A Danação do trabalho: organização do trabalho e o sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1997.

MACHADO, J. M. H.; GOMEZ, C. M. Acidentes de trabalho: concepções e dados. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80**. São Paulo: Hucitec, 1999.

MERLO, A. Novo modo de produção causa doenças físicas e psíquicas. In: Radis. nº16, outubro. Rio de Janeiro: ENSP/FIOCRUZ, 1998.

SILVA FILHO, J. F.; JARDIM, S. (orgs). **A Danação do trabalho: organização do trabalho e o sofrimento psíquico**. Rio de Janeiro: Te Corá Editora, 1997.

TABELA 16 – SINAIS E SINTOMAS

Distribuição dos agricultores de acordo com os sinais e sintomas apresentados por ocasião do uso dos agrotóxicos

SINAIS E SINTOMAS	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
Comichão / coceira / alergia	16	18,82
Vermelhidão	14	16,47
Ardume nos braços e no rosto	12	14,12
Dor de cabeça	11	12,94
Tontura / zonzeira	09	10,59
Nervoso / Agitação	07	8,23
Cansaço / fraqueza	03	3,53
Dor nos olhos / vista embaçada	03	3,53
Insônia	02	2,35
Dor na garganta / rouquidão / dificuldade	02	2,35

para engolir		
Falta de ar	02	2,35
Dificuldade de entender o que é dito / dificuldade de aprender	01	1,18
Tristeza	01	1,18
Problema de cabeça / raiva	01	1,18
Perda da memória	01	1,18
TOTAL	85	100

OBS: Cada agricultor pode citar livremente os sintomas, bem como foram utilizados os termos utilizados por eles sem ser utilizado o correlato técnico

Fonte: pesquisa de campo realizada no município de Igarapé-Açu no período de julho/2001 a agosto/2002

Os dados referentes ao tempo de utilização dos agrotóxicos, a frequência do uso, a ausência de equipamentos de proteção adequada por ocasião da manipulação nas diversas etapas do manuseio, permitem inferir significativa possibilidade destes agricultores, estarem vivenciando situação de intoxicação crônica, que se expressa de forma diferenciada, conforme dados expostos na tabela nº 12, através de sintomas e sinais, na grande maioria das vezes, conforme já mencionado, não relacionados pelos mesmos com o uso dos agrotóxicos. A grande maioria, 80% assumiu os lotes nas décadas de 70, 80 e 90. Principalmente os que os assumiram nas décadas de 80 e 90, 55%, (quando a modernização da agricultura, com a entrada insidiosa dos insumos químicos na Amazônia e a adoção de culturas permanentes como estratégia de avanço, era colocada em prática na região), foram influenciados em suas escolhas e estratégias de trabalho na terra, no que se refere à adoção das lavouras permanentes e do uso dos agrotóxicos.

